

Colóquio PAPÉIS E DIÁRIOS DA PRISÃO, ENTRE O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIALISMO

DATA E LOCAL

5 de Junho de 2017, 18.30h, FCSH/UNL, Torre B, Sala T12

ORGANIZAÇÃO

Helena Pinto Janeiro, Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova de Lisboa (IHC-FCSH/NOVA), e Irene Pimentel, IHC-FCSH/NOVA

SINOPSE

Importantes fontes para o trabalho historiográfico, os diários, cartas e outros escritos da prisão estão longe de estar mapeados nos vários arquivos institucionais e privados de Portugal e dos países do seu antigo império. Dois diários do cárcere recentemente publicados em Lisboa e um conjunto de relatórios prisionais apreendidos pela PIDE são o mote para uma reflexão sobre a importância desse empreendimento, promovida pelo IHC da FCSH/NOVA com o colóquio PAPÉIS E DIÁRIOS DA PRISÃO, ENTRE O COLONIALISMO E O PÓS-COLONIALISMO.

Diários, cartas, epístolas do cárcere, local onde os presos estão isolados, na solidão, ou sempre acompanhados, com um tempo marcado pela angústia, pelo aborrecimento e a privação de liberdade, fazem parte de um género literário reconhecido desde as Epístolas da Prisão, escritas pelo apóstolo Paulo, no século I depois de Cristo, incluídas no *Novo Testamento*. No século XIX, Oscar Wilde escreveu uma longa carta, entre 1896 e 1897, na prisão de Reading, com o título *Epistola: In Carcere et Vinculis*, após ser condenado a dois anos de prisão por homossexualidade. Já no século XX, o dirigente comunista italiano, António Gramsci escreveu, entre 1926 e 1930, as famosas *Cartas do Cárcere*, em 33 cadernos escolares, 29 dos quais constituíram a primeira edição desta sua obra publicada na Itália, entre 1948 e 1951, organizada por Palmiro Togliatti. Em Portugal, a longa ditadura e a prisão de inúmeros opositores do regime de Salazar e Caetano por razões políticas também instigou à escrita de cartas da prisão e diários de prisão. Após a queda do regime, alguns foram publicados, extravasando do espaço privado do cárcere para a esfera pública, de que são exemplo os livros *Escrito na Cella*, de Fernando Miguel Bernardes (1982), *Cartas de Prisão* (1975), de José Magro e do Padre Mário Pais de Oliveira, ou, mais recentemente, *Tem cuidado meu amor: cartas da prisão de Virgínia Moura e António Lobo Vital* (2015). Neste mesmo ano, sai a obra monumental do escritor angolano Luandino Vieira *Papéis da Prisão. Apontamentos, Diário, Correspondência (1962-1971)*, produzida em locais de encarceramento de antigos espaços coloniais portugueses: diversas prisões de Luanda e o Tarrafal de Santiago, em Cabo Verde. Em 2016, já num contexto pós-colonial, o livro *Sou eu mais livre, então: Diário de um preso político angolano* contém alguns dos cadernos escritos na prisão de Calomboloca por Luaty Beirão.

PROGRAMA

RELATÓRIOS DE PRISÃO: UMA OUTRA FACE DE DIÁRIOS DO CÁRCERE, por Irene Flunser Pimentel, Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidade Nova de Lisboa

ESCREVER É RESISTIR – PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NOS *PAPÉIS DA PRISÃO* DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA, por Elisa Scaraggi, Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

DIÁRIO DE PRISÃO, ESPAÇO DE LIBERDADE, por Luaty Beirão, músico, activista de direitos humanos e autor de *Sou eu mais livre, então: Diário de um preso político angolano*

DEBATE

Moderação: Helena Pinto Janeiro, IHC – FCSH/NOVA

BIOGRAFIAS

Elisa Scaraggi nasceu em Bitonto (Itália) e estudou em Génova, Granada, Siena, São Paulo e Bolonha, tendo obtido o grau de Mestre em Literaturas Modernas, Comparadas e Pós-coloniais pela Universidade de Bolonha. Está actualmente a escrever uma tese sobre *Escritas da prisão: uma análise comparativa das Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos e dos Papéis da Prisão de Luandino Vieira*, no âmbito do Programa Internacional FCT em Estudos Comparatistas, coordenado pelo CEC da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus principais interesses de investigação incluem a literatura do cárcere, os estudos da memória e a literatura produzida em contextos autoritários. Além disso, tem um interesse particular em tradução literária.

Irene Flunser Pimentel é doutorada em História Institucional e Política Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Elaborou diversos estudos sobre o Estado Novo, o período da II Guerra Mundial, a situação das mulheres e a polícia política durante a ditadura de Salazar e Caetano. É investigadora do Instituto de História Contemporânea (FCSH da UNL), onde desenvolve um projecto sobre «O processo de justiça política relativamente à PIDE/DGS, na transição para a democracia em Portugal». É autora e co-autora de diversos livros, entre os quais se contam: *Bystanders, Rescuers or Perpetrators* (2016); *Mulheres Portuguesas* (2015); *História da Oposição à Ditadura. 1926-1974* (2014); *Espiões em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial* (2013); *Salazar, Portugal e o Holocausto* (2013); *A Cada um o seu Lugar. A Política Feminina do Estado Novo* (2011); *Cardeal Cerejeira. O Príncipe da Igreja* (2010); *Fotobiografia de José Afonso* (2009); *Tribunais Políticos. Tribunais Militares Especiais e Tribunais Plenários durante a Ditadura e o Estado Novo* (2009); *Biografia de um Inspector da PIDE* (2008); *A História da PIDE* (2007); *Mocidade Portuguesa Feminina* (2007); *Vítimas de Salazar. Estado Novo e*

Violência Política (2007); *Judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial* (2006); *Fotobiografia de Manuel Gonçalves Cerejeira* (2002) e *História das Organizações Femininas do Estado Novo* (2000). Recebeu, entre outros, os prémios «Pessoa», atribuído pelo Expresso e a Unysis, 2007, e Seeds of Science, categoria «Ciências Sociais e Humanas», 2009. É Chevalier de la Légion d'Honneur.

Luaty Beirão (1981) nasceu em Luanda e tem nacionalidade angolana e portuguesa. Licenciado em Engenharia Electrotécnica pela Universidade de Plymouth, Reino Unido, e em Economia e Gestão pela Universidade de Montpellier, França, destacou-se pelo seu trabalho enquanto músico. No universo do rap, onde é conhecido por nomes artísticos como Brigadeiro Mata Frakuxz ou Ikonoklasta, já colaborou com os artistas Batida ou Ngonguenha, tendo participado ainda no documentário «É Dreda Ser Angolano». O facto de ser filho de João Beirão, primeiro director da Fundação Eduardo dos Santos, não o impediu de se tornar um dos nomes mais conhecidos do actual activismo político angolano e de ter estado no início do que é conhecido como «movimento Revu» – movimento cívico de luta pela democracia e liberdade que tem promovido manifestações, encontros e debates, os quais deram origem à sua detenção, a 20 de Junho de 2015. O diário que escreveu na prisão deu origem ao livro *Sou eu mais livre, então: diário de um preso político angolano*, publicado em Lisboa com a chancela da Tinta-da-China em 2016 e recentemente reeditado.

Helena Pinto Janeiro é investigadora no Instituto de História Contemporânea da FCSH/NOVA e historiadora no Museu do Aljube - Resistência e Liberdade. Doutorou-se em História Contemporânea pela Universidade NOVA de Lisboa com a tese *Norton de Matos, o improvável republicano: um olhar sobre Portugal e o império, entre Afonso Costa e Salazar*, após um percurso profissional que passou pela investigação aplicada (CML) e pela docência (BKÁE - Universidade de Ciências Económicas e Administração Pública de Budapeste, actual Universidade Corvinus de Budapeste). Recebeu a medalha da BKÁE / Universidade Corvinus de Budapeste (2000), o Prémio de História Contemporânea (1996) e uma menção especial do Prémio Aristides de Sousa Mendes (1995). É autora de vários livros, capítulos de livros e artigos em revistas académicas (Lisboa, Budapeste, Paris, Madrid e Providence). Os seus actuais interesses de investigação centram-se em torno da história e memória da violência política, em especial: prisões e campos de prisioneiros em contextos coloniais, numa perspectiva transnacional; e cadeias e tribunais políticos de Lisboa durante o Estado Novo.

Webpage: <https://fcsch-unl.academia.edu/HelenaPintoJaneiro>